

A Ilusão do Progresso: trabalho e experiência na Coopagro (Toledo-PR, 1970-1980)

*Gustavo Guilherme Schneider*¹

Resumo: Este artigo analisa a formação da *Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste (Coopagro)* em Toledo-PR, entre 1970 e 1980. A fundamentação empírica baseia-se no cruzamento de periódicos impressos (*Jornal do Oeste* e *Jornal da Coopagro*) com relatos orais produzidos através de entrevistas com ex-funcionários. O artigo problematiza a imagem de “progresso” construída pela cooperativa, contrastando-a com as experiências e as relações de trabalho vivenciadas por seus funcionários. O objetivo é desvelar as contradições subjacentes à aparente estabilidade e desenvolvimento do período, questionando a narrativa hegemônica do cooperativismo regional.

Palavras-chave: Cooperativismo; História do Trabalho; Progresso.

¹ Doutorando, pelo Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3806725439470343>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9389-2743>. Email: gustavo_schneider01@hotmail.com

A Ilusão do Progresso:
trabalho e experiência na Coopagro (Toledo-PR, 1970-1980).
SCHNEIDER, G.G.

The Illusion of Progress: work and experience at Coopagro (Toledo-PR, 1970-1980)

Abstract: This article analyzes the formation of the Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste (Coopagro) in Toledo-PR, between 1970 and 1980. Based on the analysis of printed periodicals (Jornal do Oeste and Jornal da Coopagro) and oral accounts produced through interviews with former employees, the study problematizes the image of "progress" constructed by the cooperative, contrasting it with the experiences and labor relations lived by its workers. The objective is to unveil the contradictions underlying the apparent stability and development of the period, questioning the hegemonic narrative of regional cooperativism.

Keywords: Cooperativism; Labor History; Progress.

Introdução

Na memória coletiva de Toledo, no Oeste do Paraná, a *Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste (Coopagro)* figura como uma das maiores empresas da cidade durante as décadas de 1970 a 1990, um símbolo do “progresso” e da força do cooperativismo na região. Essa imagem, cuidadosamente construída e disseminada em periódicos locais e documentos oficiais, associava a expansão da cooperativa ao desenvolvimento regional, prometendo prosperidade tanto aos agricultores associados quanto aos seus milhares de funcionários. Contudo, essa narrativa hegemônica de sucesso contínuo oculta as contradições e as complexidades das relações de trabalho que sustentaram tal crescimento.

Este artigo se propõe a problematizar a imagem de “progresso” da *Coopagro*, analisando seu processo de formação e consolidação entre 1970 e 1980. O argumento central é que, por trás da fachada de uma empresa sólida que oferecia estabilidade e bons salários, existia uma realidade de trabalho marcada por tensões, práticas de gestão personalistas e uma crescente precarização que se tornaria evidente na crise da década de 1990. O objetivo, portanto, é contrastar o discurso oficial da cooperativa com as experiências narradas por seus ex-trabalhadores, desvelando uma história menos linear e mais complexa.

Para realizar esta análise, a pesquisa se apoia em um conjunto diverso de fontes. Foram consultados periódicos de circulação local, como o *Jornal do Oeste* e o próprio *Jornal da Coopagro*, além de relatórios e documentos internos da empresa, que revelam a construção da sua imagem pública. Em contraponto, foram realizadas entrevistas com dois ex-funcionários, cujas memórias e narrativas oferecem uma perspectiva sobre o cotidiano, as condições de trabalho e as percepções e experiências sobre o trabalho na cooperativa.

Referente à metodologia, as entrevistas são tratadas à luz das reflexões da História Oral. Conforme aponta Alessandro Portelli¹, a memória não é um depósito

passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados. Assim, as falas dos ex-trabalhadores não servem apenas para confirmar ou negar os documentos escritos, mas para revelar a subjetividade dos sujeitos e as tensões não ditas na documentação oficial.

Quanto a imprensa, parte-se da premissa de que esta não é um reflexo neutro da realidade, mas um agente ativo na produção de representações sociais. O *Jornal do Oeste* e o *Jornal da Coopagro* são analisados, portanto, não como verdade, mas como discursos, permeados e interesses e inseridos dentro de determinado contexto, que visavam forjar um imaginário de progresso, legitimando a atuação da cooperativa.

O artigo está estruturado em duas seções. A primeira abordará o processo de criação e expansão da Coopagro, discutindo como a cooperativa se estabeleceu na região e buscou construir uma imagem de “progresso” para sua atuação. A segunda parte se buscar-se-á analisar experiências e nas relações de trabalho a partir das fontes orais, pensando em como os trabalhadores percebiam e valoravam seu vínculo com a empresa.

"Uma das maiores empresas da cidade": A construção da imagem de progresso da Coopagro (1970-1980)

Ao se revisitar a história recente de Toledo, no Oeste do Paraná, é recorrente a menção à *Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste (Coopagro)* como uma das maiores e mais importantes empresas da região entre as décadas de 1970 e 1990ⁱⁱ. Fundada em 8 de agosto de 1970 por um grupo inicial de 27 agricultores, a cooperativa foi criada com o objetivo de organizar o recebimento de grãos e oferecer melhores condições de comercialização aos seus associadosⁱⁱⁱ. Em seus primeiros anos, demonstrou um crescimento considerável: já em 1973, contava

com 2.010 produtores vinculados e uma capacidade de armazenamento de 87.600 toneladas^{iv}.

A forma como esse desenvolvimento foi tratado, é amplamente divulgado e difundido na região de Oeste do Paraná. Longe de querer esgotar o tema, durante as décadas de 1960 a 1970, diferentes cooperativas foram fundadas na região^v. Essas instituições a partir de um movimento que se relacionava com o processo de mecanização do campo^{vi}, buscavam ofertar técnicas, máquinas e acesso a linhas de crédito, transformando uma agricultura predominantemente de subsistência em um modelo comercial hegemônico de produção. No entanto, essa transformação não ocorreu sem consequências para os trabalhadores rurais de pequena escala.

A disponibilização de crédito e a imposição de pacotes tecnológicos voltados à produtividade constituíram ferramentas centrais na atuação das cooperativas. A exigência de aderir a essas técnicas 'modernas' acabou por reconfigurar o trabalho no campo, subordinando o agricultor a uma lógica produtiva específica^{vii}. Trata-se de um processo estrutural que transcende a experiência da Coopagro, não se restringindo apenas ao cooperativismo regional.

Nesse bojo, e a forma como a cooperativa desenvolveu sua atuação aparecem em diferentes jornais que circularam na região entre as décadas de 1960 e 1970. A exemplo disso, pode-se citar o *Jornal da Coopagro*, periódico produzida pela cooperativa, de circulação mensal, com uma tiragem de 5.000 unidades, ele foi publicado e teve circulação entre 1977 e 1987. As matérias apresentadas no jornal versavam, de um modo geral sobre as novas técnicas de produção, facilidades em adquirir insumos e financiamentos pela Coopagro, além dos benefícios de ser associado.

Pode-se elencar outros jornais que tiveram circulação na região durante as décadas de 1960 a 1990 e durante pesquisa no Museu Histórico Wily Barth de

Toledo-PR, foram identificados 5 jornais que circularam em Toledo entre 1970 e 1993, que possuem de algum modo publicidades, artigos e editoriais que apresentam informações sobre a atuação da cooperativa, sua atuação e diversificação, destacando o seu papel para o progresso da região. O que em tese contribui para alavancar uma imagem de progresso associada à atuação da Coopagro em Toledo e região. Deste modo, e dado ao espaço e tempo disponível para escrita, também será analisado o Jornal do Oeste.

Criado em 1984, possuiu no início de suas atividades circulação semanal, sendo diário somente a partir de 1985. Sua estrutura é dividida em assuntos corriqueiros da cidade, página policial, coluna do agronegócio em que são tratados temas referentes à produção, modernização e inovações na produção agrícola do município de Toledo e região e coluna do editor em que são abordados temas políticos da cidade. O Jornal possuiu diferentes editores e trocou de dono algumas vezes, mas mantendo como diretor Luís Alberto Costa.

Segundo Cruz e Peixoto^{viii}, a imprensa como é linguagem constitutiva do social, detendo historicidade e peculiaridades próprias. Ela não é um espelho ou expressão da realidade, mas uma prática constituinte da realidade social que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, mobiliza opiniões e constitui adesões e consensos.

Nesse sentido, os jornais, conforme Tania Regina de Luca^{ix}, não devem ser tomados como meros repositórios de informações ou reflexos isentos da realidade, mas sim como fontes históricas dotadas de materialidade e intencionalidade. Ao analisar essas publicações, é fundamental compreender o jornal como um agente que seleciona, ordena e hierarquiza os acontecimentos para construir narrativas específicas. No caso da *Coopagro*, o jornal institucional não apenas registrava o crescimento da cooperativa, mas atuava ativamente na construção e na legitimação da imagem de 'progresso', selecionando o que deveria ser lembrado

(os recordes, a tecnologia) e o que deveria ser silenciado (as tensões laborais). O *Jornal do Oeste*, por seu lado, possuía inserções regulares, essas fruto da contratação de espaços de publicidade pela *Coopagro*.

A partir da análise desses jornais, pode-se elencar algumas questões que forma amplamente vinculadas e divulgadas na região. O final da década de 1970 marcou um ponto de inflexão. Em 1979, a *Coopagro* alterou seu estatuto para se tornar uma cooperativa "mista", passando a receber uma gama muito mais ampla de produtos, como café, algodão, cana e fumo, além dos tradicionais soja, milho e trigo^x. Essa diversificação foi o útil para uma expansão durante os anos 1980. A cooperativa ampliou sua capilaridade ao incorporar a *Cooperativa Agropecuária Piquiri Ltda. (COAP)*, estendendo sua atuação para a região Noroeste do estado^{xi}. Paralelamente, verticalizou suas operações com a criação de empresas subsidiárias, como a *Fertioeste* (fábrica de fertilizantes), a *TransCoopagro* (transportadora) e a *Credipagro* (cooperativa de crédito), além de ingressar no mercado de varejo com uma rede de 33 supermercados^{xii}.

Esse crescimento foi acompanhado por uma intensa campanha de comunicação que visava consolidar sua imagem de promotora do progresso. Por meio de seu próprio periódico, o *Jornal da Coopagro*, e de anúncios em rádios e outros jornais locais, a cooperativa se apresentava como um agente de modernização^{xiii}. Publicidades frequentemente contrastavam o trabalho manual do agricultor com a eficiência da mecanização, apresentando tratores e colheitadeiras como um futuro acessível através do departamento comercial da cooperativa^{xiv}. Essa narrativa atrelava o desenvolvimento da região ao da própria *Coopagro*, reforçando sua centralidade econômica e social.

Os números corroboram essa percepção de gigantismo. Entre 1975 e 1987, o número de unidades da cooperativa saltou de 6 para 55; o quadro de associados mais que dobrou, passando de 2.903 para 6.697; e, mais notavelmente, o número

de trabalhadores empregados diretamente cresceu de 318 para 2.289, uma evolução de 620%^{xv}. Contudo, essa trajetória de sucesso não foi isenta de contradições. A rápida expansão era financiada por sucessivos e vultosos empréstimos, indicando um endividamento crescente que, embora não divulgado na época, se revelaria comprometedor na década seguinte^{xvi}.

Dessa forma, a narrativa de progresso tecida nas páginas do *Jornal da Coopagro* e reforçada pelo *Jornal do Oeste* cumpria uma função estratégica. Ao projetar uma imagem de solidez, a cooperativa não apenas ocultava sua fragilidade financeira e o endividamento crescente, mas também naturalizava um modelo de desenvolvimento que parecia beneficiar a todos indistintamente.

Experiências e contradições do trabalho na cooperativa.

Se a imagem pública da *Coopagro* era de crescimento e modernidade, para os milhares de trabalhadores que compunham sua força de trabalho, a experiência era mais complexa e ambivalente. As narrativas de ex-funcionários revelam que a cooperativa de fato se consolidou como uma das melhores empregadoras da região, mas essa estabilidade aparente era sustentada por relações de trabalho que merecem uma análise mais aprofundada. A memória de um emprego seguro, com remuneração acima da média e benefícios, coexiste com lembranças de jornadas exaustivas e de um sistema de gestão com traços paternalistas^{xvii}.

A partir das leituras de Portelli^{xviii}, compreende-se que a história oral rompe com a pretensão de imparcialidade tradicional. Para o autor, a narrativa é intrinsecamente 'parcial', termo que carrega um duplo sentido, pois refere-se tanto a algo inconcluso quanto ao ato de tomar partido. Nesse encontro entre historiador e narrador, sujeitos situados quase sempre em posições distintas, a memória não emerge como um dado neutro, mas como uma construção. O entrevistado

reinterpreta seu passado influenciado por suas condições presentes, o que torna o ato de narrar um processo ativo de produção de sentido e não apenas de recuperação de fatos.

A exemplo disso temos a figura de Gilson, que contava com 63 anos na data da entrevista, nasceu em Guaraciaba, então pertencente a São Miguel do Oeste, Santa Catarina, e veio com a família para Toledo em 1963, aos cinco anos. Residiram inicialmente no distrito de Novo Sarandi em uma propriedade que possuía uma usina hidroelétrica que tinha como propriedade um parente, morando em Novo Sarandi por vários anos. A trajetória profissional de Gilson, antes de ingressar na cooperativa, é variada.

O segundo interlocutor é Carlos, de 71 anos. Sua migração seguiu um roteiro similar: mudou-se do Rio Grande do Sul para São José do Cedro (SC), na fronteira com a Argentina, onde viveu até os 19 anos. No início da década de 1970, transferiu-se para o interior de Palotina (PR). Foi lá que conheceu sua esposa e, posteriormente, acompanhou a família dela na mudança para Toledo, deixando a "rocinha do pai" para tentar a vida na cidade. Antes de chegar à Coopagro em 1981, Carlos e a família chegaram a gerir um pequeno restaurante. São, portanto, trabalhadores de origem rural que viram na cidade e na cooperativa uma promessa de ascensão.

A *Coopagro* é lembrada por eles como a empresa que "melhor pagava, pontualmente"^{xix}. A remuneração era complementada por uma série de benefícios atrativos, como um plano de cargos e salários que previa progressão, dias adicionais de férias por tempo de serviço, assistência médica e social com consultórios dentro da própria empresa, e a possibilidade de compras a prazo na rede de supermercados da cooperativa^{xx}. Esse conjunto de vantagens não apenas atraía mão de obra, mas também criava um forte vínculo de dependência e lealdade, reforçando a imagem de uma empresa que "cuidava" dos seus. Para

muitos trabalhadores rurais que migravam para a cidade, um emprego formal na Coopagro representava a principal via para a estabilidade e a conquista de bens, como a casa própria^{xxi}.

Contudo, por trás da estrutura formalizada, as relações de trabalho eram frequentemente marcadas pela pessoalidade e pela informalidade. O ingresso na empresa, por exemplo, muitas vezes dependia de indicação pessoal, como no caso do ex-funcionário Gilson, que relatou ter trabalhado por meses sem registro formal no início de sua trajetória^{xxii}. Da mesma forma, as promoções, embora previstas, podiam depender tanto da demonstração de habilidades práticas quanto das boas relações com a chefia.

A experiência de Carlos, que ascendeu de "servente" a "encarregado" por sua habilidade com cálculos e seu conhecimento prático da "roça", ilustra uma meritocracia informal que valorizava o saber adquirido na prática, ou, como ele mesmo resumiu diversas vezes, o que "a vida nos ensina"^{xxiii}.

Essa relação, porém, não era isenta de exploração. A rotina, especialmente para os trabalhadores operacionais, era descrita como "pauleira", com jornadas que se estendiam até tarde da noite durante os períodos de safra, com horas extras que, embora remuneradas, impunham um ritmo de trabalho pesado^{xxiv}. A própria estrutura de benefícios, ao mesmo tempo que amparava o trabalhador, funcionava como um mecanismo de controle, desestimulando a rotatividade e garantindo a manutenção da mão de obra. Portanto, a experiência na Coopagro nesse período de apogeu era dual: por um lado, a segurança e os benefícios que a diferenciavam de outras empresas; por outro, uma relação de poder desigual, onde a "ilusão do progresso" era construída sobre um alicerce de trabalho intenso e lealdade nem sempre recompensada.

Considerações

Ao longo deste artigo buscou-se problematizar a narrativa de progresso associada à *Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste (Coopagro)* durante as décadas de 1970 e 1980. A análise comparativa entre a imagem pública da empresa e as experiências de seus trabalhadores mostrou que o período de apogeu da cooperativa foi um processo com muitas contradições e marcado por relações de trabalho desiguais, embora tenha ocorrido uma grande expansão econômica.

A análise das fontes impressas se apoiou nas ideias de Tania Regina de Luca e permitiu compreender que o *Jornal da Coopagro* e o *Jornal do Oeste* não foram apenas reflexos da realidade. Eles atuaram ativamente na construção de uma imagem de progresso que naturalizava a modernização agrícola e escondia os conflitos de trabalho. A imprensa local foi importante para reforçar a ideia de que o crescimento da cooperativa representava o desenvolvimento de toda a região.

A metodologia da história oral baseada em Alessandro Portelli foi essencial para destacar a visão dos sujeitos que muitas vezes são esquecidos. As narrativas de trabalhadores como Gilson e Carlos mostraram que a participação no projeto da cooperativa não foi passiva. As memórias deles confirmam a existência de bons salários e estabilidade que eram importantes para os migrantes em busca de ascensão social. No entanto, essas mesmas memórias revelam uma rotina de trabalho pesado e práticas de gestão baseadas na informalidade que fragilizavam o vínculo de emprego.

A ilusão do progresso estava na capacidade da cooperativa de apresentar um projeto de futuro que garantia a lealdade dos trabalhadores enquanto as bases desse crescimento já traziam a precarização que ficaria evidente na crise dos anos 1990. O estudo das trajetórias desses sujeitos permitiu preencher lacunas

documentais e compreender o custo social desse modelo de cooperativismo que operava com lógicas empresariais.

Notas

- ⁱ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol. 1, n.º.2, 1996. p. 2.
- ⁱⁱ SCHNEIDER, Gustavo Guilherme. **Experiência e luta por direitos dos trabalhadores da Coopagro no município de Toledo – PR, de 1970 a 2003**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2024, p. 23.
- ⁱⁱⁱ COOPAGRO. Documento 1550, pasta 22, 21 de janeiro de 1988. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.
- ^{iv} Ibid.
- ^v Coopagril (Marechal ICândido Rondon), CValle (Palotina), Copacol (Cafelândia), Copavel (Cascavel), são alguns dos exemplos de cooperativas que iniciaram suas atividades na região no período.
- ^{vi} GRAZIANO DA SILVA. J. **A Modernização Dolorosa**. Rio de Janeiro. Zahar, 1982.
- ^{vii} BEN, M. **Os “nós” da territorialização da Cooperativa Agroindustrial Lar: no Oeste Paranaense**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011.
- ^{viii} CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- ^{ix} DE LUCA, T. R. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. **Fontes Históricas**. 3 ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015. p.141
- ^x SCHNEIDER, *Op. cit.*, p. 23.
- ^{xi} RELATÓRIO DA COOPAGRO DE 1980. Pasta 39. Arquivo 526. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.
- ^{xii} SCHNEIDER, *op. cit.*, p. 29.
- ^{xiii} JORNAL COOPAGRO. Ano I, n.º 01, 16 pág. Livro 958. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR, 1977.
- ^{xiv} PUBLICIDADE in: Jornal Coopagro. Edição n.º 01, ano I, p. 6. Setembro de 1977. Livro 958. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.
- ^{xv} DOCUMENTO 1163. Pasta 80. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR. Apud SCHNEIDER, *op. cit.*, p. 27.
- ^{xvi} JORNAL DO OESTE. N.º 84 – ano II. 26 de setembro de 1985. Documento 683. Museu Histórico Willy Barth. Toledo, PR.
- ^{xvii} THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ^{xviii} PORTELLI, Alessandro. et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História, v. 14, 1997.
- ^{xix} GILSON. Entrevista concedida a Gustavo Guilherme Schneider. Toledo, 25 out. 2022.

^{xx} SCHNEIDER, op. cit., p. 40. Ver também: PLANO DE CARGOS, SALÁRIOS E RECLASSIFICAÇÃO. 1989. Procedimentos e Normas. Documento 1860. Pasta 100. Dados Histórico da Coopagro. Museu Histórico Willy Barth, Toledo-PR.

^{xxi} LANGARO, J. F. **Cidade, trabalhadores e história oral**: apontamentos sobre as muitas memórias da formação de Toledo-PR (1940-1990). *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, 2017, p. 420.

^{xxii} GILSON. Entrevista concedida a Gustavo Guilherme Schneider. Toledo, 25 out. 2022.

^{xxiii} CARLOS. Entrevista concedida a Gustavo Guilherme Schneider. Toledo, 23 mar. 2022.

^{xxiv} Ibid.

Referências

Fontes Orais

CARLOS. Entrevista concedida a Gustavo Guilherme Schneider. Toledo, 23 mar. 2022. 1 arquivo .mp3 (39 min. 20 seg.).

GILSON. Entrevista concedida a Gustavo Guilherme Schneider. Toledo, 25 out. 2022. 1 arquivo .mp3 (73 min. 16 seg.).

Fontes Documentais e Impressas

COOPAGRO. Documento 1550, pasta 22, 21 de janeiro de 1988. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.

JORNAL COOPAGRO. Edições de 1977. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.

JORNAL DO OESTE. Edições de 1985. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.

PLANO DE CARGOS, SALÁRIOS E RECLASSIFICAÇÃO. 1989. Procedimentos e Normas.

Documento 1860. Pasta 100. Dados Histórico da Coopagro. Museu Histórico Willy Barth, Toledo-PR.

RELATÓRIO DA COOPAGRO DE 1980. Pasta 39. Arquivo 526. Museu Histórico Willy Barth. Toledo-PR.

Bibliografia

BEN, M. **Os “nós” da territorialização da Cooperativa Agroindustrial Lar**: no Oeste Paranaense. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2011.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. **Na oficina do historiador:** conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DE LUCA, T. R. A História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. **Fontes Históricas**. 3 ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

GRAZIANO DA SILVA. J. **A Modernização Dolorosa**. Rio de Janeiro. Zahar, 1982.

LANGARO, J. F. Cidade, trabalhadores e história oral: apontamentos sobre as muitas memórias da formação de Toledo-PR (1940-1990). **Tempos Históricos**, v. 21, n. 2, p. 402-433, 2017.

SCHNEIDER, Gustavo Guilherme. **Experiência e luta por direitos dos trabalhadores da coopagro no município de Toledo - pr, de 1970 a 2003**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2024.

PORTELLI, Alessandro. et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido: 17/09/2025

Aprovado: 18/11/2025

Publicado: 30/12/2025